

INSTITUTO
 Documentação
 SOCIOAMBIENTAL
 Fonte: ISTOÉ
 Data: 15/1/2003 Pg. 58-59
 Class.: 59

ECONOMIA & NEGÓCIOS

ENERGIA

A ELETROBRÁS É

Luiz Pinguelli Rosa, um dos grandes estudiosos do País, deixou a universidade para criar no governo um novo modelo elétrico e transformar a empresa numa aliada do programa Fome Zero

LIANA MELO

Ao ser empossado nesta terça-feira 14 presidente das Centrais Elétricas Brasileiras (Eletrobrás), o físico Luiz Pinguelli Rosa estará pela primeira vez em seus 59 anos assumindo um cargo governamental. Ao trocar a diretoria da Coordenação dos Programas de Pós-Graduação de Engenharia (Coppe), da UFRJ, pela estatal, ele não estará apenas mudando de lado. Estará trocando a oposição pela situação. A Coppe é, desde sua fundação, nos idos da ditadura militar, uma espécie de trincheira política. Foi contra o acordo nuclear do Brasil com a Alemanha no governo Ernesto Geisel, previu a crise do álcool no período José Sarney e transformou-se em inimigo público de Fernando Henrique Cardoso logo que as privatizações do setor elétrico começaram a sair do papel.

Chegando ao poder com Luiz Inácio Lula da Silva, Pinguelli garante que não será revanchista. A reestatização está descartada, mas o setor de geração de energia não será privatizado, como previsto pelo antigo governo. Crítico feroz da venda de estatais, o novo presidente da Eletrobrás foi peça-chave no governo de transição. Foi nas dependências da Coppe que nasceu o programa energético do governo Lula. Afinadíssimo com a ministra das Minas e Energia, Dilma Roussef, ele não foi o único acadêmico pinçado para o governo. Seu amigo Maurício Tomasquim, autor de um estudo que calcula o alto grau de endividamento das empresas privadas do setor elétrico, virou secretário-executivo de Dilma. "Vamos criar um novo modelo elétrico", anuncia Pinguelli, animadíssimo e ansioso com a nova função. "Não há

tempo a perder, já estamos atrasados", diz ele, prometendo transformar a Eletrobrás num aliado do Programa Fome Zero.

ISTOÉ – Como o sr. se sente ao sair da oposição e ir para a situação?

Luiz Pinguelli Rosa – É um trauma. Não porque eu estivesse na oposição, mas porque eu sempre estive na universidade. Traumático é isso, trocar a universidade pelo governo. O meio acadêmico é, por definição, o espaço onde se deve adotar uma postura crítica. Mesmo agora que o País elegeu um governo de esquerda, a universidade deve continuar com esse papel. Seria um grave erro se esse espírito crítico fosse abandonado. Não pode haver adesão total.

ISTOÉ – O governo é novo, mas herdou uma crise velha. Estamos na iminência de um novo apagão?

Pinguelli – Não corremos esse perigo. O País está com excesso de energia. Estamos vivendo um período de trégua elétrica. Houve uma redução de consumo, de 25%, devido ao baixo nível da atividade econômica. Por conta do último apagão, o governo que saiu acelerou obras de geradores de emergência. Nossa folga hoje é de 3,5 gigawatts de potência. Por isso, não devemos ter apagão em 2003. Mas bastará um ligeiro aquecimento da economia para voltarmos a correr perigo.

ISTOÉ – Existe a possibilidade de o governo reestatizar empresas?

Pinguelli – De jeito nenhum. Mas não daremos continuidade ao programa de privatização. A Eletrobrás será retirada do programa nacional de desestatização. O mesmo irá ocorrer com todo o setor de geração de energia. As privatizações levaram o caos ao

INSTITUTO
ISA
SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte ISTO É
Data 15/11/2003 Pg. 59
Class. 04

NOSSA

“ Não existe a possibilidade de o governo reestatizar empresas. Mas não daremos continuidade ao programa de privatização ”

Luiz Pinguelli Rosa

setor elétrico. Foram feitas privatizações ideológicas, além de a venda das estatais ter sido usada para financiar o governo, ajudando-o na redução do endividamento. Precisamos mudar esse modelo porque não funcionou, mas não vamos romper contratos. Vamos sentar à mesa e negociar. Estamos vivendo uma situação sui generis: o setor elétrico estatal está bem financeiramente. O que está mal é o setor privado, que endividou-se excessivamente.

ISTOÉ – *O que mudará na Eletrobrás?*

Pinguelli – Pretendo alterar o orçamento da estatal. Estou pleiteando aos ministros Dilma Rouseff (das Minas e Energia) e Antonio Palocci (da Fazenda) que liberem as restrições impostas à Eletrobrás. Hoje os investimentos da estatal são computados como gastos do governo federal, o que afeta o alcance da meta de superávit primário. Se a mudança for aprovada, o investimento da Eletrobrás poderia subir dos atuais R\$ 3,2 bilhões para R\$ 5 bilhões.

ISTOÉ – *O sr. vai trocar a diretoria da empresa?*

Pinguelli – Não penso nisso de imediato. O processo de indicação da nova diretoria está em curso e deverá ser acelerado, assim como a indicação das empresas coligadas. Não faremos grandes rupturas. O que precisa mudar é o sistema

elétrico brasileiro, não a Eletrobrás.

ISTOÉ – *As estatais serão convocadas a ajudar na implantação do Programa Fome Zero?*

Pinguelli – Seremos um instrumento do Programa Fome Zero. Poderíamos estimular a criação de peixes em barragens, o que criaria emprego e contribuiria com alimentos para a população local, além de estimular a plantação ao longo das linhas de transmissão. Não pretendemos fazer milagre, mas podemos mitigar a fome usando recursos das estatais.

ISTOÉ – *O que o sr. pretende levar da Coppe para a Eletrobrás?*

Pinguelli – Projetos inteligentes como fontes alternativas de energia. Nunca entendi por que o lixo urbano ainda não está sendo usado na geração de energia. Não existe razão para importarmos patentes solares, podemos perfeitamente desenvolvê-las aqui. É possível fazer da Eletrobrás um instrumento de desenvolvimento tecnológico e industrial, sem abandonar suas antigas funções. ■